

MIGRACIÓN Y ESPIRITUALIDAD INTER-LIBERADORA¹

MIGRATION AND INTER-LIBERATORY SPIRITUALITY

Jorge E. Castillo Guerra*

Tradutores: Ângela Cristina Borges**
Renato Sobral***
Rigoberto Pichs****

Resumo

O sentido repressivo da política de fronteiras baseia-se numa percepção negativa da migração. Entre seus efeitos está a emergência de fronteiras simbólicas dentro dos Estados, uma vez que os migrantes, motivados pela esperança e sua espiritualidade, contribuem para a liberação de espaços de vida segmentados por fronteiras internas e externas. Este artigo, visa, com base na política das fronteiras internacionais, refletir sobre a espiritualidade que surge nos contextos de mobilidade humana e as suas contribuições para a justiça e o conhecimento na sociedade global.

Palavras-Chave: Migração. Migrantes. Fronteiras Simbólicas. Espiritualidade. Libertação. Teologia da Migração.

¹ Artigo originalmente publicado em espanhol no volume 21, número 02, 2020 deste periódico. O artigo é publicado na íntegra tendo sido adequado às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e da Poiésis.

*Doutor em Teologia. Professor da Faculdade de Filosofia, Teologia e Ciências da Religião, Radboud University, Nijmegen, Holanda. Email: jorge.castilloguerra@ru.nl

**Doutora em Ciências da Religião. Professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Minas Gerais-Brasil/UNIMONTES. Tutora do Programa de Educação Tutorial em Ciências da Religião/UNIMONTES-SESu/MEC. Coordenadora do NEAB/UNIMONTES. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-MINAS. Email: cristinaborgesgirasol@gmail.com

***Doutor em Neurociências. Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Montes Claros. Email: renato.monteiro@unimontes.br

**** Cubano, naturalizado brasileiro. Graduado em Letras Português e Espanhol. Licenciado em Artes Cênicas pelo Instituto Superior de Arte (ISA) de Havana, Cuba. Email: rigopichs@hotmail.com

Abstract

The repressive sense of border policy is based on a negative perception of migration. Among its effects is the emergence of symbolic borders within States, since migrants, motivated by hope and their spirituality, contribute to the liberation of living spaces segmented by internal and external borders. The article aims, based on the politics of international borders, to reflect on the spirituality that arises in the contexts of human mobility and its contributions to justice and knowledge in global society.

Keywords: Migration. Migrants. Symbolic Borders. Spirituality. Liberation.

Introdução

O aumento contínuo do sentido repressivo da política de fronteiras baseia-se em uma percepção negativa da migração como um risco. Seus efeitos também implicam a emergência de fronteiras simbólicas dentro dos estados. Apesar de sua infra-humanização, os migrantes, motivados por uma grande esperança, contribuem para a liberação de espaços de vida segmentados por fronteiras internas e externas, mas como compreender teologicamente a espiritualidade que surge nos contextos de mobilidade humana? Quais são suas contribuições para a justiça e o conhecimento na sociedade global?

Nas reflexões a seguir, respondo a essas demandas a partir de uma introdução à política de fronteiras internacionais (1) e internas (2) que provocam a exclusão dos migrantes. Prossigo com uma breve introdução à espiritualidade que surge nos contextos de mobilidade humana (3) e, posteriormente, reflito sobre seus significados teológicos (4) e relevância para a justiça e o conhecimento na sociedade global.

1. Política de fronteiras internacionais e exclusão do migrante

Desde uma perspectiva europeia e latino-americana, podemos ver que o *modus operandi* da política internacional de fronteiras está atualmente se globalizando. O exercício da soberania em sentido nacionalista aparece vinculado a situações de vulnerabilidade desencadeadas ao longo das chamadas rotas da morte e que hoje, em dia, são "cada vez mais letais"².

As mortes e vítimas de migrantes levam-nos à seguinte questão: como se justifica o preço humano da implementação da política fronteiriça?

² Philippe Fargues y Sara Bonfanti, When the best option is a leaky boat: why migrants risk their lives crossing the Mediterranean and what Europe is doing about it, Firenze: Migration Policy Centre, 2014, p. 5.

Em primeiro lugar, os critérios para admitir ou impedir o acesso de estrangeiros partem de três preocupações: segurança, bem-estar e identidade³. Existem medos sociais que assumem a entrada de migrantes como um grande risco. A política de fronteiras é proposta como uma política de prevenção de riscos que é atribuída à cultura, identidade, etnia, religião ou ao objetivo do plano de migração para não nacionais. E assim se espalha a ideia de que os migrantes constituem um perigo latente e, como tal, devem ser combatidos por meio de sua exclusão fronteiriça.

Em segundo lugar, Schmidthäussler e Niemann explicam, com base nas teorias que Beck publicou em sua conhecida obra *Risk Society*, como a partir do medo imaginam e antecipam os efeitos de um possível perigo futuro⁴. E concluem que esse medo se torna real, não porque sua plausibilidade pode ser demonstrada, mas quando desencadeia medidas de implementação para fornecê-lo. Desta forma temos que algo, que está longe de ser real, por se basear nas bases especulativas de um futuro imprevisível, dá lugar a uma gestão política do risco (política de risco). Uma política centrada na chamada *securization* da migração e que supõe a redução do valor humano de quem está fora das fronteiras.

Na política de fronteiras repressivas, o conceito de cidadania adquire uma função primordial, para relegar os direitos humanos dos migrantes a uma posição secundária e introduzir uma hierarquia entre alguns que têm e outros que não têm direitos. O Estado não tem qualquer responsabilidade pelos efeitos da sua política do outro lado da fronteira. Garante a segurança do cidadão, mas desumaniza o migrante. A política internacional de fronteiras elimina o direito dos migrantes a terem direitos e traça uma assimetria entre cidadania e humanidade, entre cidadãos e migrantes desumanizados.

Através da política de fronteira, um tipo particular de espiritualidade é revelado. A infra-humanização do migrante não se deve a um planejamento ad hoc, improvisado e sem visão, como seria a espiritualidade individualista e competitiva de cada homem por si. Ao contrário, é uma espiritualidade fundada naquele espírito solipsista expandido pela modernidade através do cogito ergo sum cartesiano. Uma espiritualidade que vai além de sua caracterização por Dussel como conquisto, ergo sum, conquisto logo sou, porque nega o migrante e o coloca abaixo da escala dos seres com direitos humanos, ou seja, eu infra-humanizo, logo existo (*infra humanius operantia ergo soma*).

³ Cf. Ricardo Zapata-Barrero, “Teoría Política de la Frontera y la movilidad humana”, *Revista Española de Ciencia Política* 29 (2012) julio, 39-66.

⁴ Cf. Natalie Schmidthäussler y Arne Niemann, *The Logic of EU Policy-Making on (Irregular) Migration: Securitisation or Risk?* Mainz, 2014, pp. 9-10; Ulrich Beck, *Risk Society, Towards a New Modernity*, London: Sage 1992

2. A criação de fronteiras simbólicas

O significado da invenção do migrante como risco e a atribuição de traços negativos, como base para justificar a política internacional de fronteiras, não fica fora das linhas de demarcação fronteiriça. Entra por migrações regulares e irregulares e determina o encontro ou desacordo entre os migrantes e seus novos vizinhos. Assim, ao cruzar a fronteira e entrar no novo território, os migrantes vivenciam os efeitos dessas invenções e atribuições por meio de fronteiras simbólicas. Esses tipos de fronteiras formam demarcações que lembram constantemente aos migrantes que eles não pertenciam ao “nós” social, cultural ou nacional. Um nós determinado por grupos dominantes e construído sob a influência da formação e centralização dos Estados modernos em torno de "um só povo" com uma cultura nacional.

Dentro das fronteiras nacionais os migrantes descobrem as fronteiras simbólicas como novas modalidades de exclusão, compostas a partir de estereótipos e classificações pré-existentes na sua própria chegada ou no nascimento de seus descendentes⁵. Categorias jurídicas, culturais, religiosas, econômicas, éticas ou sociais demarcam zonas inclusivas e exclusivas por meio de processos denominados “criação de fronteiras”.

Os migrantes vivem experiências de confronto, através de diversas dinâmicas de exclusão: a desvalorização das suas culturas e religiões, a negação da identidade, o perfil étnico ou a sua limitação estrutural no mercado de trabalho. Há também as dinâmicas que surgem nos bairros onde convivem com membros da população nativa que sofrem com a pobreza, a exclusão e outros migrantes que optaram por criar um enclave cultural de auto-exclusão.

Essas experiências desencadeiam mecanismos de des-identificação com a nova sociedade⁶. As redes étnicas, religiosas ou culturais se transformam em enclaves que os mantêm distantes do resto da sociedade. As identificações transnacionais são utilizadas como fonte de capital social, cultural ou religioso, para construir novas identidades, adquirir sentido de pertencimento e redefinir seus projetos migratórios. O contexto de exclusão constitui um terreno fértil para o extremismo político-islâmico na Europa, porque favorece a aceitação de ofertas de grupos políticos transnacionais.

Concluindo, as fronteiras simbólicas impedem a estruturação de uma sociedade onde todos se sintam representados, concedem e recebem o sentido de serem acolhidos.

⁵ Cf. Thomas Faist, (ed.), *The blind spot of multiculturalism: from heterogeneities to social (in)equalities*, Bielefeld: Centre on Migration, Citizenship and Development, 2012, <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-384377>

⁶ Cf. Maykel Verkuyten, *Identiteit en diversiteit: De tegenstellingen voorbij*, Amsterdam: Pallas Publications / Amsterdam University, 2010, pp. 45, 55-57.

3. Uma espiritualidade que emerge em contextos de mobilidade humana.

É comum colocar a perspectiva do país de destino como a situação óbvia para o estudo da migração. Essa abordagem é legítima, mas é influenciada por uma perspectiva qualificada pelas ciências da migração -em uma perspectiva transnacional- como nacionalismo metodológico. Consequentemente, a própria orientação dos migrantes é desmantelada e apenas parte de sua vida cotidiana transnacional é percebida. É por isso que começo minhas reflexões em uma perspectiva transnacional para compreender a espiritualidade do migrante, não apenas em relação à sua última experiência migratória nas sociedades de destino, mas também em conjunto com suas próprias experiências de emigração, trânsito e jornadas de imigração.

Transformações de Fé

Pesquisa de campo na América Latina explica que durante a fase pré-migratória, o futuro emigrante inicia um processo de preparação e despedida baseado em sua religião popular, composta por histórias, rituais, sacramentos, devoções, conhecimentos bíblicos que misturam ameríndios, afro-americanos e tradições latino-americanas, hispano-americanos.

Em seu livro *O Deus na mala*, Romizi narra a transformação do santuário de peregrinação dedicado ao Senhor dos Milagres Andacocha, Equador, em um espaço religioso de entrega a Deus durante a etapa pré-migratória⁷.

A devoção ao Cristo Negro de Esquipulas na Guatemala oferece outro exemplo do processo de transformação que envolve os migrantes durante a etapa pré-migratória e as etapas seguintes. Certamente, assim como a jornada migratória transforma a identidade do migrante, também transforma o significado da imagem de Cristo. É o caso de uma imagem que, diante de inúmeras dificuldades para transportá-la por meios oficiais, foi finalmente introduzida ilegalmente por imigrantes sem documentos em 2002. Através de seu histórico de "migração", os subornos cobrados pelas autoridades mexicanas para permitir sua passagem, clandestina de entrar nos Estados Unidos e a situação irregular dos migrantes com quem cruzou a fronteira, esta imagem passou a ser reconhecida como "O Cristo Molhado" e hoje é encontrada na igreja de Santa Cecilia, Los Angeles, Califórnia⁸.

Originalmente, "molhado" é um termo pejorativo destinado a migrantes que nadam pelo Rio Grande (Texas) para evitar controles de fronteira. Os migrantes transformam essa categoria

⁷ Cf. Francisco Romizi, *El Dios en la maleta: Los caminos de la significación mítica de los ecuatorianos católicos en Barcelona y Nueva York*, Tarragona: Universitat Rovira I Virgili, 2014, 25-32.

⁸ Cf. <http://elcristomojado.org> (consulta: 28.03.17).

depreciativa em um sentimento de fé que revela uma forma particular de abordagem divina de suas histórias. Cristo é como eles, encarnou e armou entre eles a sua tenda, como formulado na cristologia joanina (Jo 1,14). Como eles, ele suportou todas as dificuldades daqueles que se atrevem a cruzar fronteiras para ganhar uma vida decente para si e sua família.

“Molhado” é um exemplo das transformações de identidade e fé ao longo do processo migratório onde os migrantes têm que enfrentar dois desafios. Por exemplo, o deslocamento do solo nativo pode levar a uma série de crises existenciais, como expressa um migrante dominicano em Amsterdã, “a solidão é pior que a fome”⁹.

Para muitos, a experiência da migração significa um recomeço da relação com Deus, através das fronteiras internacionais e simbólicas que separam os grupos humanos. Quem encontra consolo pode juntar-se a São Paulo na expressão “para nos gloriarmos nas nossas tribulações”, como escreveu na Carta aos Romanos (5, 3). Eles encontram um novo significado na tradição do Êxodo (13, 20-22), quando podem confirmar que a noção do Deus que caminha e acampa com seu povo não é meramente figurativa. Viveram-no na sua própria carne, durante o seu próprio êxodo migratório, quando no meio de perigos e dificuldades experimentam que Deus está presente, guiando-os e peregrinos com eles. Da mesma forma, a onipresença divina alcança um significado mais cotidiano quando sentem que Deus os une com seus entes queridos, com cônjuges, filhas ou vizinhos e a terra que deixaram para trás.

4. Como compreender teologicamente a espiritualidade que surge na experiência da migração?

Em uma de suas abordagens sobre o significado da espiritualidade, Sobrino a explica como "o espírito com que a história em que vivemos é confrontada com toda a sua complexidade"¹⁰. É uma reflexão que se presta a compreender o ímpeto por trás da decisão de buscar uma nova vida em outro lugar e após a perseverança de não desistir diante dos problemas que a migração desencadeia, como a insegurança causada pela longa espera de os documentos tão necessários para obter uma autorização de residência e de trabalho. O "espírito com que se enfrenta a história" aparece no meio daquelas pessoas que, por motivações mistas, iniciam uma peregrinação que lhes permite aceder a uma vida com dignidade.

Para Ellacuría, esse espírito com o qual a história é confrontada é o “impulso de esperança”¹¹.

⁹ Cf. Pura María López Paulino, “La soledad es pero que el hambre”, en: Catherijne van Vliet y Gabriela Hegenvelde (eds.), *Voces Hispanas: migrantes españoles y latinoamericanos en Ámsterdam 1961 –2011*, Ámsterdam, 22-23.

¹⁰ Cf. Jon Sobrino, “Espiritualidad y seguimiento de Jesús”, en: I. Ellacuría y J. Sobrino. (eds.), *Mysterium LiberationisII*, Madrid: Trotta, 449-476 (453).

Mas como entender sua afirmação em termos de migração?

As pessoas tornam-se migrantes através de uma nova forma de se relacionar com o seu mundo, quando encaram a sua história de forma esperançosa. Caminho que vem da aceitação da promessa de Deus, que dá vida em abundância (Jo 10,10). Apesar de viverem em uma situação caracterizada pelo Papa João Paulo II como "as migrações do desespero"¹², eles não desistem diante das carências ou perseguições que os afligem nas sociedades de origem e saem em busca de vida ou pelo menos para garantir o que eles têm, o mínimo, para poder sobreviver.

Para Ellacuría, o impulso de esperança, e que contextualizo aqui a partir do rosto do migrante, de sua fé e vida, os motiva a caminhar para uma "terra da promessa"¹³. Em sua linha de argumentação, Ellacuría está refletindo sobre a terra prometida em um sentido libertador. Na minha interpretação, a migração apresenta perspectivas específicas para a abordagem elacuriana, visto que a necessidade de libertação envolve diferentes realidades. Primeiro, há aquelas pressões e opressões que causam a saída. Em segundo lugar, há o sofrimento do migrante pobre sem visto obrigado a viajar por rotas letais. E terceiro, há também a ambivalência de que a solução dos problemas que originam a migração leva a novos problemas, motivados pela exclusão de fronteiras simbólicas dentro do país de destino. Na perspectiva da migração, a esperança encoraja-os a partir para a terra da promessa, para aquelas libertações específicas de uma vida quotidiana migratória. Uma existência com orientações transnacionais que desafiam fronteiras, essas criações humanas planejadas para separar os mundos da vida.

Da mesma forma, seguindo Ellacuría, a esperança também lhes dá entendimento para entender como Deus se aproxima e passa pelo nosso mundo, de tal forma que a própria existência, esse ser-entre-fronteira, é interpretada como um sentimento cobrado por Deus. Um Deus que não os deixa sozinhos. Essa nova compreensão explica a leitura espiritual na chave da migração que os migrantes fazem das abordagens salvadoras de Deus ao longo da história. Quando escolhe Abraão e não o abandona, quando se aproxima do povo hebreu de forma libertadora, armando a sua tenda entre eles, inaugurando com Jesus um Reino de vida em abundância para todos, onde os marginalizados e sofredores são libertados da fronteiras de exclusão (Mt 25). A partir desta profunda espiritualidade na nascente teologia das migrações teólogos como D. Groody, P. Phan, G. Cruz e G. Campese estabelecem correlações com a tradição cristã e que, dados os limites desta publicação, não posso desenvolver.

¹¹ Cf. Ignacio Ellacuría, "Utopía y profetismo", en: I. Ellacuría y J. Sobrino (eds.), *Mysterium Liberationis*, Madrid: Trotta, 393 –442 (412).

¹² Juan Pablo II, Mensaje con motivo de la Jornada Mundial del Emigrante 2000, Vaticano, 1999, no. 4.

¹³ Ellacuría, *idem*.

5. Uma espiritualidade inter-libertadora: contribuição para a justiça e o conhecimento na sociedade global

Meu ponto de partida para uma reflexão sobre a contribuição para a justiça e o conhecimento da sociedade global a partir da espiritualidade da migração está relacionada com o sentido que descobrimos na experiência de infra-humanização e a grande esperança presente no cotidiano do migrante. A abordagem de seu mundo ajuda a tirar as ciências da lógica do cálculo economicista sobre a vida e colocá-la em um lugar onde possa perceber honestamente o que realmente está acontecendo no mundo, a saber, "a globalização da indiferença", como afirmou o Papa Francisco¹⁴.

Como os migrantes, a ciência que aborda seu mundo é forçada a desafiar as fronteiras que se interpõem no caminho de sua apreensão da realidade. Esses limites interdisciplinares e epistemológicos que segmentam a realidade, des-relacionam os seres humanos e os desvinculam de seus mundos de vida.

A situação de exclusão e esperança, própria da migração, também oferece ao conhecimento outras perspectivas para compreender o mundo, tal como afirma Ortíz: "antes, se estudava o mundo para compreender a migração, agora pelo contrário, se estuda a migração para compreender o mundo".

Uma orientação espiritual a partir da epistemologia decorrente da migração concede um sentido amplo à atividade científica como à procura de uma verdade sensível face às fronteiras simbólicas e, como afirma Fanon e esclarece Sousa Santos, divide as "zonas do ser" da zona do "não-ser". Se trata aqui de uma atitude espiritual na ciência que Sobrino, em um contexto teológico e de espiritualidade política, denomina "honestidade com a história".

A orientação espiritual da migração, na epistemologia, também tem um componente ético no que diz respeito à reivindicação e a qualidade da justiça.

Em primeiro lugar, ajuda a revelar o que realmente existe por trás das fronteiras da exclusão e da infra-humanização do migrante. Levanta a questão de quais valorações são colocadas acima da vida humana do migrante. A resposta à estas perguntas retira toda a camuflagem à lógica sacrificacionista, própria de uma idolatria e que, com base no trabalho de Zapata-Barrero, identifiquei como o culto aos ídolos da segurança, da prosperidade e da identidade nacional. O culto a esses três ídolos exige, se necessário, o sacrifício dos outros, os não-cidadãos.

Com Ellacuría podemos compreender que esta lógica sacrificacionista desconstrói a legitimação ética na pretensão universalista do modelo civilizador, baseada na modernidade e na sua expressão capitalista. Neste sentido, é necessário destacar a afirmação de Hinkelammert de que esta lógica também desumaniza ao agressor ou algoz, ou formulado de forma construtiva, "para ser

¹⁴ Francisco, Homily of Holy Father Francis, "Arena" sports camp, Salina Quarter, Lampedusa 8 de julio 2013.

um ser humano tenho que me preocupar se você também é''. Daí se depreende que quando os migrantes, impulsionados por uma espiritualidade profunda, ultrapassam os limites desumanizadores, estão libertando as sociedades da idolatria e lhes restauram sua humanidade. Isto é o que a cristologia latino-americana formulou como o valor salvador das vítimas.

Em segundo lugar, uma orientação espiritual desde a migração, em epistemologia, permite à ciência ajudar, segundo Sobrino e o pensamento de Ellacuría e Zubiri, que "a realidade torne-se o que quer ser". O tipo de epistemologia aqui proposto não limita a função do conhecimento na coleta dos dados empíricos e à sua apresentação como verdade objetiva e imparcial. Pelo contrário se interessa pelo sentido vivo que gera transformações interculturais, como reflete Fernet-Betancourt e como propõe Mignolo para transformar o "monotopismo do pensamento moderno" de tal modo que supere a incapacidade para pensar sem as categorias da modernidade.

Uma orientação espiritual desde a migração contribui para uma transformação intercultural da forma como pensamos sobre o mundo e sobre as relações dentro dele. O pensamento transformado interculturalmente é um pensamento libertado para pensar fora da lógica sacrificacionista da modernidade e não recorre às categorias excludentes e infra-humanizantes.

Pensar em termos do que a realidade quer ser também inclui pensar sobre a esperança que se realizou, e, no caso específico dos migrantes, implica compreender como se está cultivando a convivência solidária.

Através da sua espiritualidade e da grande esperança que ela infunde, os migrantes ajudam-nos a compreender um profundo sentido de libertação como inter-libertação. Desafiam os limites das fronteiras e assim geram uma forma particular de compreensão do mundo através da libertação de espaços divididos pelo pensamento racionalista, infra-humanizador e moldado pelo cálculo economicista.

Em vez disso, oferecem uma alternativa para enfrentar o empobrecimento analítico, a falta de ética e de um compromisso esperançoso nas ciências. Se trata aqui de uma contribuição específica para aquilo que se vem denominando "epistemologia da fronteira", onde a epistemologia dominante é criticada e se abrem espaços para que as ciências adquiram e gerem conhecimento desde e para o reconhecimento, a libertação e a justiça entre outredades. Espaços inter que estão criando e salvaguardando pontos de interseção e, conseqüentemente, de um significado vivo que promove a convivência. Um sentido para essa nova imaginação necessária para compreender o mundo e para transformá-lo.

